

APRENDENDO A NAVEGAR: RELATO DE CASO SOBRE LEITURA DE JORNAL NAS VERSÕES IMPRESSA E DIGITAL

Recebido em 27/05/2007

Aceito em: 13/07/2009

Ana Elisa RIBEIRO*

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma investigação maior, na qual se pesquisou a relação entre navegação e leitura em jornais impressos e digitais. Neste artigo, descreve-se e discute-se o caso da estudante Lúcia, que se declarava não-leitora de jornais, mas obteve ótimo desempenho na leitura de um diário impresso em língua materna. A experiência da estudante na leitura de tela foi menos ágil, no entanto, sugeriu (a) uma relação de ancoragem entre as experiências de navegação anteriores, em plataformas impressas, e a nova experiência digital; e (b) uma descontinuidade superável entre navegação e compreensão, atribuível à falta de familiaridade com interfaces digitais. Conclui-se pela importância das experiências com suportes e interfaces, além da demonstração de que o desenvolvimento consistente de habilidades de leitura não é abalado pelas dificuldades com a interface.

Palavras-chave: Leitura; Letramento Digital; Interfaces; Jornais.

Contextualização

A despeito da existência de inúmeros trabalhos sobre a leitura de jornais, inclusive do jornal como objeto e como ferramenta de auxílio ao ensino de leitura e/ou produção de textos na escola (CAVALCANTI, 1999; FARIA, 2002a; FARIA, 2002b; FARIA, 2003; SILVA, 2008), insistirei em tratar também da leitura de jornais, embora não deseje repetir os achados de outros pesquisadores. Minha intenção é capturar um dos casos estudados em minha investigação de doutorado e refletir sobre a interação da leitora com os jornais e a apropriação que ela fazia deles, considerados como *interfaces*¹, interação

* Doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, em estágio pós-doutoral no programa de pós-graduação em Comunicação Social da PUC-Minas. Professora do mestrado em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. E-mail: anadigital@gmail.com.

¹ Interfaces, neste sentido, são camadas tecnológicas projetadas para auxiliar a interação entre homem e máquina ou entre o homem e o mecanismo complexo que ele opera. Interfaces são ambíguas porque, ao mesmo tempo, separam dois meios e os conectam, em geral de maneira a tornar opaca a relação entre o operador e a operação. Os jornais são interfaces projetadas para serem lidas e para conduzirem o leitor por certas trilhas, o que não quer dizer que ele as siga indiscriminadamente. Neste sentido, é de suma importância frisar que

que parecia aprender no momento da pesquisa. É importante, portanto, contextualizar a investigação anterior para, então, me aprofundar no caso de Lúcia², à época estudante de Enfermagem em uma instituição privada sediada em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Com base em estudos de extração psicolinguística, em orientações da Linguística Aplicada e em pesquisas sobre as aventuras da humanidade na apropriação das tecnologias da escrita (ou das escritas tecnológicas), investiguei leitores pouco letrados³, especialmente em relação à leitura de jornais, em interfaces impressas e digitais. Busquei desvelar aspectos da leitura ligados à navegação e à compreensão, às vezes intimamente relacionados, outras vezes separados por uma camada operatória que pouco interferia na compreensão dos textos. Utilizei notícias de jornal e primeiras páginas, de sites e de materiais impressos, para realizar testes com 23 leitores de diferentes perfis e com diversas experiências e hábitos leitores.

Após a análise dos dados gerados por testes⁴ feitos a partir da navegação e da leitura dos participantes, obtive resultados que apontavam para certa interpolação, até controlável, entre a leitura das interfaces e a leitura propriamente dos textos noticiosos. Era de suma importância atentar para os modos como os participantes se apropriavam das interfaces, interpelando-as em suas propostas de navegação (as deles e as delas). Além disso, era importante verificar se os participantes de fato compreendiam o que liam, se o que liam sofria influência ou interferência das interfaces (como, em última análise, gosta de afirmar Roger Chartier⁵), além de cruzar esses dados experimentais com as informações que os próprios indivíduos davam, por meio de questionário, sobre seus hábitos de leitura na web ou em suportes impressos.

se está considerando o design do jornal como uma interface, palavra que ganhou as ruas recentemente e que quer nomear a “camada” de mediação que auxilia (ou deveria auxiliar) o contato do leitor/usuário/interagente com o objeto/outro interagente, reduzindo a sensação de desconhecido ou de inoperância que pode ocorrer do lado humano da interação. São exemplos de interfaces os consoles de automóveis, os modelos e *affordances* de maçanetas e portas (NORMAN, 2006), assim como a “máscara” dos programas de computador, sites e, como não poderia deixar de ser, os objetos impressos projetados para leitura.

² O nome da estudante é fictício, artifício que usei para preservar sua identidade, embora o objetivo da pesquisa não fosse avaliar ou classificar o desempenho dela.

³ O baixo letramento que afirmo aqui foi um tanto presumido, já que eu conhecia de perto a realidade dos alunos de Enfermagem da instituição em que foi feita a pesquisa, outro tanto revelado pelos resultados de um questionário aplicado aos alunos do primeiro período antes dos testes de leitura.

⁴ Os testes foram gravados em áudio e filmados. O método utilizado foi o protocolo verbal concorrente (TOMITCH, 2007; TOMITCH, 2008; SOUZA; RODRIGUES, 2008), além de anotações realizadas durante as leituras e durante os momentos em que assisti aos vídeos.

⁵ Esta é uma tese central para o historiador francês e pode ser encontrada em diversos livros, especialmente na obra de 2002, indicada nas referências bibliográficas.

A leitora

Lúcia era a participante mais velha do grupo (tinha então 42 anos), aluna do primeiro período do curso de Enfermagem, extremamente tímida, mas suficientemente curiosa e disposta, a ponto de se propor participar da pesquisa. Em questionário que precedeu os testes, Lúcia declarava não ter o hábito de ler, contando apenas um livro por ano, quando muito. Também se declarava não-leitora de jornais de qualquer tipo, sequer os impressos, que às vezes até lhe chegavam às mãos, mas não a seduziam. Utilizava a web apenas para fazer pesquisas escolares, mas considerava-se distante dos sistemas digitais, exceto em situações impostas, como a utilização de aparelhos de som com interfaces digitais e os caixas de agências bancárias. Lúcia declarava haver aprendido a utilizar o computador na faculdade, quando recebeu - para ela, abruptamente - uma senha e um login para ter acesso às informações importantes para sua vida acadêmica.

As leituras

A pesquisa que vinha sendo desenvolvida tinha como materiais de investigação os jornais *Estado de Minas* e *O Tempo*, em suas versões impressa e digital. Lúcia foi convidada a ler notícias em ambos os periódicos, para que fosse observado seu modo de buscar, encontrar, selecionar e ler os textos propostos a ela. A leitora deveria procurar por determinadas notícias (indicadas pela pesquisadora) nas páginas iniciais dos jornais (homepage ou primeira página) e fazer a busca dos textos completos, de acordo com as operações propostas pelos desenhos das interfaces, ora utilizando numeração de página e indicações impressas, ora reconhecendo links e clicando.

Os textos selecionados eram lidos e os participantes deveriam, então, responder a questões construídas com base na matriz de habilidades de leitura em português do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). A navegação era observada e registrada conforme a participante executava o protocolo verbal que revelava seus percursos, suas dúvidas, suas questões e suas manobras em direção à apropriação dos objetos de ler, de forma alguma confirmando certas “teorias” que anunciam a existência de um leitor “passivo” que só recentemente teria se tornado “ativo”, em muito por conta de novas tecnologias e novas escritas tecnológicas⁶.

As leituras de Lúcia mostraram uma leitora intensivamente em aprendizagem, mesmo em situação de “teste”. Justamente no momento em que se percebia desconhecadora de algum expediente, Lúcia o aprendia,

⁶ Muitos autores advogam pela passividade do leitor da cultura impressa, numa espécie de defesa da existência do Leitor a.C./d.C., antes e depois do computador. Entre estes autores estão, por exemplo, George Landow (em *Hypertext 2.0*, de 1997) e vários brasileiros.

fazendo um movimento de reestruturação de seus conhecimentos, flagrando-se diante da compreensão das coisas e desviando-se das “tocaias” dos pesquisadores, que propunham a ela alguma experiência entre o que ela sabia ou não sabia sobre ler jornais, mas, principalmente, entre o que ela não sabia que sabia ou não sabia que não sabia.

Para alguém que se declarava não-leitora de jornais e de livros, Lúcia fez muito mais do que parecia imaginar saber fazer. A leitura do jornal impresso, em tese mais familiar à estudante, custou-lhe alguns segundos apenas, a despeito de sua avaliação ruim sobre si mesma em relação à navegação nesta interface.

Ao procurar uma notícia, solicitada pela pesquisadora, sobre um problema no setor de zoonoses da Prefeitura de Belo Horizonte, Lúcia demonstra domínio não apenas da sequência de ações que deve executar para encontrar o texto (uma espécie de “sintaxe” da interface, como quer NOVAIS, 2008), mas também da nomenclatura aplicável aos diários de papel: “primeira página”, e não qualquer outro nome menos específico.

A estudante toma logo o jornal de papel nas mãos e afirma:

Então aqui na primeira página. Eu acho que vou encontrar essa notícia. Está na página 23. (Folheia). (Lê a página). Achei.

A página 23 que ela encontra é resultado da extrema diligência com que opera sobre a interface, encontrando logo a indicação de numeração do jornal e compreendendo, nesse expediente, a função de sumário que as primeiras páginas costumam ter. Lúcia sabe folhear e sabe encontrar o que procura, em uma interface que foi, ao longo dos tempos, sendo proposta por projetistas de folhas diárias. Muito embora já se tenha “naturalizado” (como quer BUZATO, 2009) a tecnologia de um jornal, é importante observar que se trata de um objeto complexo e não-linear há décadas, propositos de leituras rasantes e de um *surf* que, de forma alguma, é característica exclusiva de uma cultura digital. Para Santaella (2004), o jornal, como o vemos hoje, é uma “mídia mosaíquica” (na expressão resgatada de McLuhan), dada mesmo a uma leitura “flutuante”, que até mesmo Pierre Lévy (1993), o teórico do hipertexto eletrônico, admite.

A versão digital do *Estado de Minas* foi o próximo passo de Lúcia, que afirmava ignorância quase completa desse ambiente de leitura, de suas interfaces e propostas de “uso”, ou mesmo de sua operação motora, por meio de mouses e outros periféricos (nada periféricos, na verdade). Durante a leitura do *Estado* jornal digital, diante da tela do computador e dos links, obrigada a operar com um mouse e um teclado, a estudante dispôs-se a procurar a notícia que lhe foi pedida, que tratava de índices de inflação em Belo Horizonte. Inicialmente, leu a *homepage*:

Inflação em Belo Horizonte. Olha tem uma coisa aqui que “Inflação em BH é 10 vezes maior”. Já até achei.

A manchete lhe parece exatamente o que procura. Fácil, não fosse a necessidade de ler a matéria, exatamente como faria no jornal impresso, na busca pelo texto completo. “Já até achei”, expressão que indica a surpresa adverbial com que recebia sua relativa agilidade em navegar em ambiente desconhecido. A despeito de ter “encontrado” a manchete, Lúcia não clica. Fica apenas lendo o topo da página e evidencia, em gestos imprecisos e hesitantes, sua falta de intimidade com o mouse. Ela tenta seduzir a pesquisadora:

No início aqui tem uma reportagem que fala que a “Inflação em BH é 10 vezes maior”. Onde posso saber mais sobre isso aqui neste jornal? Economia, né? Na parte de Economia?

Lúcia sabe, ao menos vagamente, quais são os gêneros de texto do domínio jornalístico. Não à-toa, menciona a reportagem, gênero central para os profissionais do ramo, inclusive caracterizador de uma profissão. A estudante pergunta como encontrar o restante do texto e evidencia sua familiaridade com a estrutura das editorias e dos cadernos, separados, muito recentemente, por temas ou por especialidades (SILVA, 2007). A ancoragem da nova experiência nas trajetórias da leitura em papel ajuda a leitora a compreender uma lógica conhecida na interface eletrônica. No entanto, Lúcia continua imobilizada pela falta de acesso direto à materialidade da manchete, que a levaria ao texto integral da notícia que procura. Ela lê o topo da notícia, mas não clica. E admite, envergonhada: “Sinceramente, eu não sei onde procurar”. Mas a leitora tenta. Clica na editoria Economia, como se fosse abrir o caderno do jornal impresso.

Era aqui mesmo, será? Eu cliquei em Economia e aí apareceu a Inflação em BH é a maior de novo. E ele está falando sobre sacolão.

Lúcia reage às mudanças na tela. Se “era aqui mesmo”, ela verifica ao agir sobre a interface. Percebe que a manchete aparece novamente e atua sobre o texto, resumindo-o: “ele está falando sobre sacolão”, conclusão tirada com base em uma leitura dinâmica, do tipo “varredura”, nos elementos mais importantes e salientes da matéria (RIGOLIN, 2006). Talvez Lúcia tenha lido a legenda da foto em destaque ou tenha inferido da imagem a existência do “sacolão” (expressão que os mineiros usam para “horti-fruti”, comércio de alimentos, em geral, a preços acessíveis).



FIGURA 1: Página interna do site do EM. (2006)

Lúcia parece receosa em relação a navegar no jornal. Perguntei como ela faria para ler o resto da matéria, provocando-a e demandando uma reação mais precisa. A estudante me devolveu a questão: “*Pois é, como é que eu vou conseguir chegar, abrir essa matéria toda aqui?*” Insisti na pergunta e no pedido de “*mova-se*”, e ela admitiu: “*Não sei ao certo, mas cliquei aqui e achei.*”

Lúcia encontrou a notícia sobre inflação em Belo Horizonte. Ela pediu a confirmação do fato e eu confirmei que tudo havia dado certo. A leitora demonstra surpresa: “*Só isso? É mesmo?*” A “*magia*” do clicar parece ter-lhe assaltado. Lúcia ignorava que navegar não seria difícil, ao menos ali, dentro do jornal virtual. O mouse fora, durante algum tempo, seu maior obstáculo. Num clicar ela aprendeu a encontrar o texto. E se não bastasse isso, a estudante foi uma das participantes que teve melhor desempenho nos testes construídos com base na matriz de habilidades de leitura em língua portuguesa do Saeb. Obteve bom desempenho em todas as questões e ótimos resultados na produção de um resumo do texto lido (KLEIMAN, 2004), o que sugere certa descontinuidade entre navegar e ler, sendo que os obstáculos da navegação (ou da falta de familiaridade com a interface) podem se constituir em obstáculos para a leitura. No entanto, uma vez superados, não parecem surtir efeitos negativos sobre a leitura, especialmente quando há consistência nas habilidades desenvolvidas pelo leitor. É importante frisar a relevância do conhecimento de

certas interfaces para a aprendizagem de novas leituras/navegações. No caso de Lúcia, ocorreu certo desalinhamento entre o que ela declarava sobre si em relação a habilidades e hábitos de leitura e o que ela realmente apresentou e revelou sobre o que sabia, inclusive mostrando-se surpresa consigo mesma.

Leituras na escola

O que Lúcia diz sobre sua capacidade de navegar/ler é bem menos do que o que ela efetivamente faz com interfaces e textos. Embora não se possa dizer que este seja um comportamento geral dos leitores, pode-se sugerir que haja certa tipicidade nele. É comum que os indivíduos “falseiem” seus perfis, sociologicamente, especialmente quando lidam com temas que envolvem prestígio social e discursos hegemônicos. Tal é a situação do assunto “leitura”. É comum que as pessoas digam que leem, que gostam, que sabem navegar. É também comum, de outro lado, que se declarem não-leitoras, ineptas para a compreensão, dando de si uma descrição abaixo das supostas expectativas do pesquisador. Se consideramos Lúcia pouco letrada, com base em questionários aplicados no início da investigação, pudemos conhecer, durante os testes, uma leitora que compreendia os textos, muito embora se mostrasse pouco íntima das interfaces. O que é ser letrado, então?

Se Lúcia fosse, mesmo, não-leitora, como afirmou, dificilmente poderia “navegar” e ler jornais como fez, nas duas plataformas pesquisadas. Talvez, de fato, tenha tido algum temor diante da tela, mas logo recuperou seus conhecimentos prévios sobre outras navegações e, por fim, alcançou o objetivo de encontrar um texto e lê-lo.

Uma investigação como esta pode ajudar a compreender a importância de que haja contato estreito entre leitor e interfaces, para o ajuste da coordenação de ações necessária à manipulação dos materiais, à percepção da “sintaxe” da navegação, sejam estes materiais impressos ou digitais, parecendo não haver prejuízo no acúmulo de experiências de leitura em um ou em outro suporte.

Quando o professor omite a interface, sarrupia o texto de seu suporte, despreza o projeto de design e a sugestão de apropriação (na navegação, ao menos), ele desautoriza a experiência de leitura completa, como ela é quando se tem em mãos o livro, o jornal, a revista, a tela. Nem sempre será fácil oferecer ao aluno os textos em suas plataformas projetadas, mas talvez não seja assim tão complicado ensinar a navegar em todas as modalidades.

RIBEIRO, A. E. "WHO TAUGHT YOU TO SWIM?": CASE REPORT ON READING AND NAVIGATION IN PRINTED AND DIGITAL NEWSPAPER

Abstract: *This work is part of a larger investigation which studied the relationship between browsing and reading printed and digital newspapers. In this article, we describe and discuss the case of Lucia, a newspaper non-reader student that obtained excellent performance in reading a printed journal. The student's experience on reading the screen was less agile, however suggests (a) a relationship of anchoring between previous navigation experiences in printed platforms and the new digital experience, and (b) a not insurmountable discontinuity between navigation and understanding, attributable to lack of familiarity with digital interfaces. We were led to recognize the importance of experience with media and interfaces, in addition to realizing that the consistent development of reading skills is not undermined by difficulties with the interface.*

Keywords: *Reading; Digital Literacy; Interfaces; Newspapers.*

Referências bibliográficas

BUZATO, Marcelo E. K. O hibridismo na linguagem digital: investigando o trans- . 2009. (Mimeogr.)

CAVALCANTI, Joana. O jornal como proposta pedagógica. São Paulo: Paulus, 1999.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: UNESP, 2002.

FARIA, Maria Alice. Como usar o jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2002a.

FARIA, Maria Alice. O jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2002b.

FARIA, Maria Alice. Para ler e fazer o jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

KLEIMAN, Angela B. *Leitura: ensino e pesquisa*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993. (Coleção TRANS)

NORMAN, Donald A. *O design do dia-a-dia*. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

NOVAIS, Ana Elisa Costa. *Leitura nas interfaces gráficas do computador – Compreendendo a gramática da interface*. 2008. 240 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Lingüísticos, Linguagem e Tecnologia). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RIGOLIN, Daniele C. *Saliências visual e subjetiva como elementos norteadores na leitura de hipertextos jornalísticos*. Campinas, UNICAMP, 2006. (Dissertação de mestrado)

SANTAELLA, Lucia. Antecedentes da Alinearidade hipermediática nas mídias mosaíquicas. In: BRASIL, André et al. (Orgs.) *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004a.

SILVA, Rafael Souza. Controle remoto de papel. *O efeito do zapping no jornalismo impresso diário*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro. O jornal na vida do professor e no trabalho docente. *São Paulo: Global, 2008*.

SOUZA, Ana Cláudia de; RODRIGUES, Cassio. Protocolos verbais: uma metodologia na investigação de processos de leitura. In: TOMITCH, Lêda Maria Braga (Org.). *Aspectos cognitivos e instrucionais da leitura*. Bauru: EDUSC, 2008.

TOMITCH, Lêda Maria Braga. Desvelando o processo de compreensão leitora: protocolos verbais na pesquisa em leitura. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n. 53, p. 42-53, dez. 2007.

TOMITCH, Lêda Maria Braga. A metodologia da pesquisa em leitura: das perguntas de compreensão à ressonância magnética funcional. In: TOMITCH, Lêda Maria Braga (Org.). *Aspectos cognitivos e instrucionais da leitura*. Bauru: EDUSC, 2008.